



<http://www.unifafibe.com.br/revistalettrasfafibe/>

ISSN 2177-3408

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE**

**VIVIANE MENDES SILVA**

**POR UMA LITERATURA EM CRISE: "CEMITÉRIO  
DE ELEFANTES", DE DALTON TREVISAN.**

BEBEDOURO – SÃO PAULO.

2014

*Revista Letras Fafibe*, Bebedouro-SP, 5 (1), 2015.

VIVIANE MENDES SILVA

## POR UMA LITERATURA EM CRISE: "CEMITÉRIO DE ELEFANTES", DE DALTON TREVISAN.

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

**Orientador:** Prof.Ms. Mariângela Alonso

BEBEDOURO – SÃO PAULO.  
2014

*Revista Letras Fafibe*, Bebedouro-SP, 5 (1), 2015.

Silva, Viviane Mendes  
Por uma literatura em crise: “Cemitério de elefantes”, de  
Dalton Trevisan/ Viviane Mendes Silva. --Bebedouro: Unifafibe,  
2014.

35 f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras  
/ Inglês–Centro Universitário Unifafibe, Bebedouro, 2014.

Bibliografia: f. 31-32

1.Cronotopo. 2. Literatura em crise.3. Análise Literária  
I.Título.

VIVIANE MENDES SILVA

## POR UMA LITERATURA EM CRISE: "CEMITÉRIO DE ELEFANTES", DE DALTON TREVISAN.

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês ou Espanhol e suas respectivas literaturas).

**Orientador: Prof. Ms. Mariângela Alonso**

### MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

**Presidente e Orientador: Prof. Ms. Mariângela Alonso**  
**Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP**

---

**Membro Convidado: Prof. Ms. Lúgia M. P. de Pádua Xavier**  
**Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP**

---

Dedico à  
minha filha Nicole Mendes Rachella.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela disposição e pela proteção que me concedeu no desenvolvimento desta pesquisa;  
À Profa.Ms. Mariângela Alonso, pela orientação, desprendimento, confiança e paciência;  
também pelas discussões de ordem teórico-metodológicas, que me possibilitaram reflexão e amadurecimento;

Aos professores Dr. Rinaldo Guariglia e Ms. Lígia M. P. de Pádua Xavier pela leitura criteriosa e pelos apontamentos apresentados durante o exame de qualificação;

À minha querida mãe Wilma Aparecida Silva e ao meu pai Valdo Mendes da Silva, pelo apoio indispensável;

Em especial, à minha amada filha Nicole Mendes Rachella que muitas vezes mesmo não entendendo o tempo que eu depreendia ao trabalho, sempre foi o motivo da minha busca por crescimento pessoal e profissional.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, levaram-me a refletir e a assumir posições, contribuindo com o meu amadurecimento pessoal e científico.

O autor não vale o personagem, só a obra  
interessa.

TREVISAN

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a construção do cronotopo no conto “Cemitério de elefantes”, de Dalton Trevisan e verificar como esta representação de tempo/espaço interfere na caracterização dos personagens. Apresentando uma narrativa curta e tensa, na qual pessoas marginalizadas são sacralizadas, Dalton Trevisan dá voz a seres de exclusão, revelando desta forma a crise do sujeito moderno. Uma leitura nesta direção tem como embasamento ensaios críticos que examinem as marcas estilísticas do autor, bem como o estudo do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre cronotopo. Por meio da análise apresentada, espera-se revelar a literatura de crise que permeia o sujeito, a escrita e o cronotopo na narrativa daltoniana.

**Palavras-chave:** Cronotopo. Cemitério de elefantes. Dalton Trevisan. Exclusão. Crise.



This work aims to investigate the construction of the chronotope in the tale “Cemitério de elefantes”, by Dalton Trevisan and see how this representation of time / space interferes with the characterization of the characters. Featuring a short, intense narrative in which marginalized people are sacralized, Dalton Trevisan gives voice to beings of exclusion, thus revealing the crisis of the modern subject. A reading in this direction has as its foundation critical essays that examine the stylistic marks of the author, and the study of the Russian theorist Mikhail Bakhtin on the chronotope. Through the analysis presented is expected to reveal the crisis that pervades the literature of the subject, the writing and the chronotope in daltoniana narrative.

**Keywords:** Chronotope. Cemitério de elefantes. Dalton Trevisan. Exclusion. Crisis.

1	Introdução.....	8
2	Vozes da crítica em torno da obra daltoniana .....	10
3	O cronotopo em “Cemitério de elefantes”, de Dalton Trevisan .....	18
4	Escrita, sujeito e cronotopo: o lixo em "Cemitério de elefantes" de Dalton Trevisan.....	24
5	Conclusão .....	30
	Referências.....	32
	Anexos.....	34

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se na área de Literatura Brasileira e tem como objetivo a análise da categoria do cronotopo no conto "Cemitério de elefantes" inserido na coletânea homônima de Dalton Trevisan. Pretende-se averiguar a relação espaço/ tempo, que constitui o homem e as transformações sociais. O aparato teórico sustenta-se a partir das reflexões de Mikhail Bakhtin, dentre outros.

A relevância desse tema consiste em investigar quão importante é a compreensão e a identificação da interligação das relações espaciais e temporais representadas no texto literário. A necessidade de vincular o cronotopo com a constituição da natureza humana se deu por essa ser uma categoria de forma e conteúdo na literatura e integrar o homem, suas transformações sociais e psicológicas.

O conto é considerado um gênero complexo, em razão de sua aparente facilidade. Faulkner diz: "quando seriamente explorada, a história curta é a mais difícil e a mais disciplinada forma de escrever prosa" (FAULKNER apud MAGALHÃES, 1972, p. 21).

A escolha do autor Dalton Trevisan resultou pelo aspecto de suas obras, inspiradas nos cenários urbanos. Trevisan cria personagens e situações de significado universal, em que as tramas psicológicas e os costumes são recriados por meio de uma linguagem concisa e popular, a qual valoriza os incidentes do cotidiano angustiante.

Promoveremos um estudo cujo objetivo é investigar a construção do cronotopo no conto "Cemitério de Elefantes", de Dalton Trevisan, verificando como a relação tempo/espaço que engendra a narrativa, serve de condição para a constituição do sujeito físico e moral considerando os aspectos sociais da obra, tais como exclusão e marginalidade. Analisaremos as marcas linguísticas do autor (as elipses que tornam o texto mais conciso ao mesmo tempo que intensificam a linguagem, o uso das metáforas, figuras e alegorias que conferem alta significação simbólica a história) e como essas caracterizam os personagens.

Este trabalho é de natureza bibliográfica, e, para melhor compreensão, será dividido em três capítulos. No primeiro, apresentaremos a crítica literária em torno da obra de Dalton Trevisan, analisaremos a linguagem empregada em seus contos e os temas recorrentes de sua narrativa, esta primeira parte será teórica e utilizaremos artigos científicos para dar base a este estudo.

O segundo capítulo apresentará o conceito de cronotopo do teórico russo Mikhail M. Bakhtin. A partir deste estudo analisaremos o cronotopo do conto, considerando os espaços como o ingazeiro, o rio e o cemitério. No terceiro e último capítulo, abordaremos a literatura em crise advinda da literatura moderna, relacionando o conto a este estilo literário, apresentando estudos que comprovam esta crise da escrita do sujeito e do cronotopo.

## 2 VOZES DA CRÍTICA EM TORNO DA OBRA DALTONIANA

Nascido em 14 de Junho de 1925 em Curitiba, Dalton Jérson Trevisan é visto como um dos maiores contistas brasileiros e é reconhecido em todo o mundo. Dalton Trevisan formou-se em Direito mas não atuou na área, iniciou sua carreira literária escrevendo pequenas obras que posteriormente enviava a seus amigos e críticos literários.

Pouco se sabe a respeito de sua vida, visto que evita leitores e entrevistas, duas de suas frases podem explicar tal postura: “O autor não vale o personagem, só a obra interessa. O conto é sempre melhor que o contista” (JAKUBOWSKA, 1980 apud ARAUJO, 2009, p. 7).

A certidão de nascimento de Trevisan enquanto autor é a revista *Joaquim*, fazendo uso da estética dos "novos", que substituíam o fascínio dos grandes centros urbanos pela valorização das províncias, desenvolvendo a conscientização da verdadeira grandeza do Brasil. A procura por valores de vida, a preocupação em torno do homem e a indisciplina são características marcantes nos movimentos dos moços, denominados "gerações novas". No intuito de valorizar a província<sup>1</sup>, aqui relacionada ao interior do país, fora dos grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, Trevisan pintou Curitiba e, conseqüentemente, o Brasil (BORDONI, 2011, p. 49).

O texto daltoniano tem como característica a reescrita, desprezando elementos acessórios, como artigos, preposições e conectivos para concentrar-se em elementos essenciais como personagens, ação, cenário etc. Este procedimento funciona como estratégia de encolhimento, que faz de cada texto uma parte pelo todo e a história ali contada significa algo maior: "Trevisan marca-se por uma poética do menos. Nela o menos é sempre melhor que o mais, sobretudo se por efeito de sugestão, disser mais" . (FRANCO JUNIOR, 2004, p. 203)

A repetição caracterizará a obra de Dalton Trevisan como produção marcada pela idéia de serialização cujas idiosincrasias de cada texto específico não anulam a idéia da existência de matrizes estruturais que, aqui e ali, apresentam uma ou outra diferença.(Ibid., p. 202)

---

<sup>1</sup>Curitiba, sem pinheiros ou céu azul, pelo que tú és- província, cárcere, lar - esta Curitiba, e não a outra para turista, com amor eu canto” (TREVISAN,1946, p. 18).

A obra do contista pauta-se por um processo de criação singular, caracterizada por um contínuo processo de revisão e condensação a cada nova edição de seus livros. Tal procedimento muitas vezes acarreta a atualização das referências mobilizadas no texto e quando acompanhadas cronologicamente, as versões mostram uma constante atualização dos fatos, espaços e dos personagens da cidade de Curitiba. (MOTTA; BUSATO, 2009, p. 82).

Notamos que quanto mais sintético é o texto de Trevisan, mais intenso tende a ser o conflito de suas narrativas, visto que a trama se desenvolve de forma tensa e prende o leitor presentificando-o na história. Portanto, o impacto da narrativa é maior sobre o leitor:

As profundas alterações que acompanhamos no evoluir dos textos e que se configuram nos fenômenos de supressão, acréscimo, substituição e inversão, não são, como parecem à primeira vista, inerentes apenas à obsessão perfeccionista do autor para chegar a uma poética da elipse. Vinculados a um projeto muito mais amplo que se realiza através da obra em progresso, essas variações, motivadas por necessidades internas do processo criador, têm como objetivo principal - ousamos afirmar - refletir e levar à reflexão sobre os problemas da criação literária num mundo em que tudo se transforma rapidamente, menos o homem. (BERNARDI, 1983 apud FRANCO JUNIOR, 2004, p. 205-206).

Talvez o mais exato seja referir-se à produção de linha de montagem, serializada, com texto reescritos e cada vez mais enxutos. Um trabalho feito a mão, cuidadosamente executado, evidenciando o fazer singular do artista, que retalha fatos cotidianos, aparentemente desconexos, recolhidos da vida e/ou imaginados pelo autor.

Outro aspecto importante é o desaparecimento do diálogo intertextual que os textos mantêm com a tradição literária, fato que sugere nas versões atuais uma degradação da vida, daquilo que antes fora exaltada na literatura; as reedições das narrativas de Dalton Trevisan tem traço funcional, econômico. A repetição não é vista de maneira negativa, uma vez que ela constitui um desafio para Trevisan que ironiza os valores poéticos modernistas de valorização de ideais como originalidade e unicidade da obra. De uma perspectiva que considere sua obra como uma arte em progresso, a repetição significa e diz muita coisa. No que se refere às personagens e às fábulas dos contos, ela faz com que reconheçamos os sinais da estereotipia, da previsibilidade e da ausência de qualquer traço de individualidade e originalidade. Suas obras cumprem função paradoxal, mimetizando o modo de produção industrial dos padrões da época, e por outro lado, usam como referente de suas histórias a vida de personagens que estão à margem da sociedade graças a revolução industrial.

A marca estilística do autor não deixa de manifestar-se, mas, como demonstra o processo do qual ela resulta, o faz negando e afirmando simultaneamente a sua originalidade e, também o próprio conceito de originalidade (Ibid., p. 202).

No anedotário daltoniano, a repetição congela os personagens, suas ações, seus conflitos e até suas falas, esta é uma forma de afirmá-las como universais, fantasmática, uma irônica caricatura do ideal moderno.(MOTTA; BUSATO, 2009, p. 89).

Para Franco Junior (2002, p. 203) Dalton Trevisan questionará a modernidade e o modernismo na vida e na arte, contrapondo a união traiçoeira entre a técnica da escrita e sua irracionalidade, o progresso que veio com a modernização e a miséria que se instalou a partir dela. O texto daltoniano se faz performático no sentido de ser capaz de mimetizar de forma tão clara e real tudo o que o narrador critica e analisa.

De alguma forma, pode-se dizer que a narrativa do autor remete ao naturalismo, mas não comunga dos traços ideológicos desta escola, uma vez que se observa que a própria repetição representa a inversão da relação estabelecida na vida e na arte, com a vida sendo a cópia deformada da arte, traço inverso ao que se pretende no naturalismo. O traço naturalista está apenas no referente, ou seja, no tema das obras. Ao contrário do propósito naturalista, a escrita é fruto de pesquisas e estudos constantes e sua elaboração não teme a reelaboração, a escrita rejeita as versões antigas para que a atual diga o que pretende. Este procedimento de reescrita projeta a ideia de obra de arte perfeita, o que nos remete ao preciosismo característico do parnasianismo, mas, as semelhanças param por aí, numa visão horizontal da obra observamos que os temas, a linguagem e a escrita são totalmente diferentes (Ibdi., p. 203).

Dalton Trevisan vive uma busca constante pela síntese, assim, reescreve suas histórias a fim de torná-las mais concisas; o discurso jornalístico que caracteriza suas narrações tem caráter inédito que resulta na originalidade do autor estabelecida paradoxalmente por meio da recorrência obsessiva de temas, de personagens, de situações e de uma habilidade para ampliar efeitos linguísticos a partir da redução do universo das palavras; tais efeitos são usados para que o leitor interprete e julgue a história.

O estilo direto e ágil do autor apresenta os dramas de pessoas fictícias mas ao mesmo tempo reais, pois movem-se entre as expectativas de felicidade e realização que aprenderam a alimentar e a realidade crua e desumana, que as frustra e aniquila.

As relações humanas comprovam a realidade como degradada e cruel: as pessoas se maltratam e se ferem em vez de manterem no cotidiano vínculos de carinho e respeito.

A pesquisadora Berta Waldman em *Do vampiro ao cafajeste* (1982), afirma que a obra daltoniana recorre a fatos do cotidiano para criar personagens comuns, apossando-se de características grotescas e narrando-as lado a lado com gestos corriqueiros, para chamar a atenção de fatos monstruosos que passam despercebidos a olhos apressados.

Trevisan apropria-se de diferentes formas narrativas, como notícias, depoimentos e oralidade corriqueira para estabelecer e estreitar a ligação entre seus contos e a sociedade, assim como na *pop art*<sup>2</sup>, ao perceber as histórias e os sentidos, reproduzindo-as e, finalmente, as devolvendo a seus leitores. Segundo a pesquisadora, o apelo mais forte em Trevisan é o de mostrar a história ao invés de contá-la (WALDMAN, 1982, p.55 apud BORDONI, 2011, p. 109).

Assim, as revisões que o autor realiza pretendem trazer o leitor para mais perto do texto, originando uma narração objetiva, clara e certa. (BERNARDI, 1983, p. 23)

Na visão de Sanches Neto, Trevisan busca romper com os padrões narrativos ficcionais, desta forma, pretende não somente criar uma ambientação, mas inserir o leitor na história, criando a ilusão de que não se trata de uma leitura e sim do contato com um mundo de seres reais (SANCHES NETO, 1994 apud ARAÚJO, 2009, p. 21).

Na dissertação de Nicolato, *Literatura e cidade* (2002) vislumbramos um estudo sobre a configuração do espaço da cidade na obra daltoniana. Para o pesquisador, a cidade é o objeto de trabalho do escritor que faz dela sua moldura para narrar e ambientar suas histórias. (ARAÚJO, 2009, p.13). A vida narrada pelo autor mostra-se como uma nova visão sobre a cidade e a literatura, seu ideal é narrar a vivência cotidiana de maneira real.

A objetividade de seus textos representa o grotesco cotidiano da vida urbana, transformando pessoas comuns em heróis ou anti-heróis. Os personagens narrados nas histórias de Dalton se ajustam ao espaço, tornando-se parte do cenário.

O "contista de Curitiba" é uma expressão que o pesquisador imbuí dois significados e expressa que o autor é curitibano, referindo-se a ele como um escritor que "conta a cidade", a cidade que passou por diversas mudanças a partir da década de 1960, e estas se refletem na narrativa como crítica social. As críticas não são contra a modernização da cidade, mas à maneira como ela se deu, de forma forçada, ao transformar personagens socialmente

---

<sup>2</sup>*pop art*: Palavra inglesa, substantivo feminino.

Tendência artística de origem americana que transpõe o ambiente da civilização contemporânea por meio de junções de objetos cotidianos, de extratos de imagens publicitárias, etc. (Dicionário on line Priberam. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/pop%20art>)



inadaptadas em marginais, seres degradados e vitimados vivendo à deriva (ARAÚJO, 2009, p.13).

Em *Cemitério de elefantes*, os bêbados marginalizados pela cidade são considerados sagrados numa clara inversão de valores entre o sagrado e o profano. O autor cumpre um papel social quando denuncia esta situação, optando por oferecer uma visão negativa da sociedade, aquilo que ela tem de mais degradado, expõe a dissolução do mundo:

Distrai-se um deles a afundar o dedo no tornozelo inchado, ergue-se e, puxando os pés da paquiderme, afasta-se entre adeuses em voz baixa \_ ninguém perturbe os dorminhocos. Êsses, quando acordam, não carecem de perguntar para onde foi o ausente. E, se indagassem, com intenção de levar-lhe um ramo de margaridas, quem saberia responder? O caminho revela-se a cada um na hora da morte. ( TREVISAN, 1970, p. 87)

A meta deste tipo de narrativa é dizer muito com pouco, daí o termo de "discurso vampiro" em que a imagem representada conta, ela mesma, a história que pretende se apagar, para deixar em seu lugar realmente o que importa, e desse modo revelar sem a mediação da palavra, a realidade vampirizada (WALDMAN, 1982 apud BORDONI, 2011, p. 49).

Trevisan explica que seus personagens podem ser qualquer um, pois ele só inventa uma espécie de vampiro: "Vampiro, sim, de almas. Espião dos corações solitários. Escorpião de bote armado, eis contista." (NICOLATO, 2002, p. 79).

Além da apropriação de diferentes discursos, tais como, jornalístico, social, crítico, retórico e saudosista que autor lança mão para contar suas histórias, outro aspecto importante em sua literatura é a alta significação simbólica com que realça a linguagem e a temática de seus textos, a representação do espaço através de imagens e metáforas ajudam a construir o espaço no conto e a utilização destes recursos sustentam o texto ao mesmo tempo que condensam e intensificam o discurso, assim, temos um autor conciso (Ibid., p. 79).

Observamos que o texto nos apresenta o espaço do sagrado e do profano, cemitério/ e o ingazeiro<sup>3</sup> onde os mendigos ficam. Tais cenários não são isolados e invertem-se entre si e na caracterização dos personagens. Ao sacralizar um universo marginalizado onde mendigos e bêbados, na condição de seres desonrados moral e fisicamente, ganham *status* de animais sagrados,<sup>4</sup> o autor rompe com os modelos tradicionais e evidencia o caráter irônico que irá percorrer por toda sua obra.

---

<sup>3</sup>(Ingazeiro) O autor utiliza o acento de crase nesta palavra no conto "*Cemitério de elefantes*".

<sup>4</sup> para os hindus, os elefantes são considerados animais sagrados, Ganesh, representada pela figura de um elefante e considerado o deus da ciência, da beleza, do equilíbrio e das letras. (Dicionário de símbolos)

No conto estudado, o universo marginalizado é sacralizado pelo narrador, numa inversão com os valores socialmente aceitos, estas representações nos ajudam a compreender a cidade criada e o contraste entre o espaço do sagrado e do profano, contrastes estes que se estendem para os personagens Jonas, João e Pedro que são bêbados pedintes, e no conto ganham nomes bíblicos e *status* de animais sagrados, "homens-elefantes".

Na morada dos "homens-elefantes", o velho ingazeiro é citado numa esfera elevada, apresentando para o leitor a importância da velha árvore, sob à qual vivem os bêbados doentes:

Há um cemitério de bêbados na minha cidade. Nos fundos do mercado de peixes e à margem do rio ergue-se o velho ingazeiro - ali os bêbados são felizes. A população considera-os animais sagrados e provê às suas necessidades [...] (TREVISAN, 1970, p.87)

O lugar sagrado com espaços marcados adquire função específica para os personagens, na medida em que suas raízes são consideradas como cômodos de uma casa, com espaços marcados e individualizados:

[...] elefantes mal feridos e coçam as perebas, sem nenhuma queixa, escarrapachados sobre as raízes que lhes servem de cama e cadeira, [...] Cada um tem o seu lugar e gentilmente advertem-se: \_ Não use a raiz do Pedro. (TREVISAN, 1970, p. 88)

Nota-se nos trechos acima a primeira de muitas inversões de valores que o narrador vai introduzir no conto: ao mesmo tempo que sacraliza o espaço do ingazeiro à margem da cidade, ele apresenta os personagens como indivíduos felizes e considerados sagrados pela sociedade, apesar destes viverem doentes e à espera da morte.

Nicolato (2002, p. 84) afirma que o fatalismo religioso é outra característica presente no texto, o sentido de resignação e sofrimento ganha maior amplitude porque a sacralização não está relacionada somente ao conformismo, mas ao processo de degradação da vida. Por isso a narrativa se instala no cemitério e a passagem da vida para a morte se dá de forma natural: "Sabem que estão condenados como elefantes mal feridos e coçam as perebas, sem nenhuma queixa, escarrapachados sobre as raízes que lhe servem de cama e cadeira,[...]". (TREVISAN, 1970, p. 88).

O estranhamento provocado pela inversão de valores morais e sagrados nos faz refletir a respeito da carga irônica implicitamente atribuída à cidade de Curitiba, uma vez que considera-se os personagens como animais sagrados, mártires, enxergando o sofrimento, a

miséria e a morte deles como uma forma de redenção. A metáfora da morte é construída ao nível coletivo, já que todos estão fadados a um final sub-humano, trazendo a noção de salvação e renascimento às avessas.

Em suas obras, Trevisan apresenta figuras e alegorias, como a imagem de homens elefantes. Com isso, o discurso daltoniano tenta estabelecer tipos de personagens que metaforicamente simbolizam personalidades, geralmente o escritor se utiliza desses adjetivos para denunciar a mesquinhez dos indivíduos (NICOLATO, 2002, p.87).

Percebemos que cada representação é mediada por um discurso específico, e com um texto muito próximo da crônica, Dalton Trevisan vai reafirmar seu juízo de valor sobre espaços e personagens da cidade.

A estética em Dalton tem a finalidade de mostrar como ele dá voz e visibilidade aos esquecidos e como o projeto modernista para estes seres falhou; seu estilo inovador e imediato projeta o visual e a imagem para construir "imagens pensantes", com o propósito de revelar os aspectos grotescos do espaço vivido pela população da cidade. Com isto, reconhecemos a literatura em crise, que será abordada no capítulo três deste trabalho.

A dicotomia social da Curitiba "verde e prospera" *versus* a Curitiba "grande favela" explica o satírico tratamento que Trevisan concede à cidade; suas narrativas dão enfoque à penúria econômica, a injustiça social, e, nesta linha de comportamentos violentos manifestados por seus personagens de classe baixa, e também de seres marginais que vivem num espaço que não reflete os avanços da cidade. Trevisan é um escritor nada exemplar, sobretudo no seu desafio de contar um conteúdo áspero que no decorrer de sua carreira foi aperfeiçoado por um experimentalismo cada vez mais inovador (VIEIRA, 2013, s/n).

O contista invoca repetidamente o lado obscuro da metrópole para revelar a diferença entre o espaço vivido pelos habitantes e o espaço mental, projetado pelos urbanistas, duro e brutal. O estilo daltoniano não é moralista, ele tem a função de captar a aflição da humanidade que geralmente é vista e negada pelas pessoas. Assim, sua abordagem desenterra hipocrisia e repressão social enquanto dramatiza as ações desesperadas das classes marginais. (Ibid.,)

Observamos que as dicotomias entre o "espaço mental" e o "espaço vivido" presentes no texto pretendem fixar no mural da vida o "espaço social" vivido pelo submundo, as variações compulsivas do mesmo tema, os dramas repetidos, reflexivos e as mini-histórias são reconstruídas para que o leitor se reconheça, se examine e reflita.

Vieira (2003, s/n) diz que as repetições na obra de Dalton não servem somente para recontar os mesmos dramas, nos textos elas são um veículo para criar a sensação de

infinidade, a permanência do texto não é uma questão de duração mas sim e intensidade e vivência.

A fim de responder ironicamente aos críticos e a alguns leitores desconfiados que não percebem e não conseguem apreciar a sua afetividade, Trevisan cria e recria em suas repetições a voz de um narrador/leitor pouco esclarecido e provinciano que zomba da obra do autor. Os personagens protagonistas têm aspectos animais e conferem sentimentos desconcertantes que são projetados nos leitores. A autocrítica consciente e irônica revela sua percepção sobre si próprio em comparação aos outros, e o mais importante, a própria escrita maléfica inventada pela imaginação. Curitiba transforma-se numa viagem sentimental e saudosista, porém, perturbadora.

As narrativas daltonianas são ao mesmo tempo semelhantes e diferentes, os personagens e cenários mostram o estado atual das coisas no espaço vivido por figuras marginalizadas em cuja partida suas angústias se assemelham aos nossos momentos interiores que frequentemente são escondidos.

A obra atualiza a periferia como um conjunto de histórias sobre Curitiba. O autor dramatiza no espaço profano os momentos de angústia, de perversões, morte em vida e as visões da miséria humana que inesperadamente conduzem o leitor à sua própria intimidade, onde se revela a diferença entre o que é aceito socialmente e as verdades interiores do ser. Deste modo, o escritor coloca em cena uma Curitiba de alma, que viaja pela sua própria alma, a de seus personagens e a de seus leitores.

[...] a sua obra pode ser também apreciada pelo seu registro dramático e performativo. Em outras palavras, pelo seu potencial no ser humano de gerar ou despertar uma autoconsciência, manifestado em personagens vulneráveis e abusadas, percepções e revelações que imediatamente são transferidas para o leitor, assim apontando que, na sua criação de um mundo imaginário curitibano Dalton Trevisan está lendo e nos guiando no processo de penetrar e melhor entender a nossa consciência humana,[...] (VIEIRA, 2013, s/n)

O narrador daltoniano dedica a maior parte de sua obra aos menos favorecidos, entretanto, com isto ele está se referindo a todas as classes sociais, pois os desejos, pecados e angústias são sentimentos humanos e relevantes a todos.

### 3 O CRONOTOPO EM “CEMITÉRIO DE ELEFANTES”, DE DALTON TREVISAN

No conto “*Cemitório de elefantes*”, percebemos a construção de uma cidade simbólica (Curitiba), onde o narrador já no início do conto nos apresenta o velho *ingazeiro* que será o cenário da narrativa. Este espaço é sagrado e ao mesmo tempo profano, sagrado aos olhos dos bêbados moradores daquele lugar, que têm suas necessidades de cachaça e pirão de farinha providas por moradores da cidade, profano para a população que não está à margem da sociedade.

A árvore representa um lar para os mendigos, com espaços demarcados como cômodos, e mesmo estes sendo degradados pela bebida, a relação com os valores do lar não é rompida: “Cada um tem o seu lugar e gentilmente advertem: \_ Não use a raiz do Pedro.” (TREVISAN, 1970, p. 88).

As narrativas daltonianas quase sempre se situam na cidade de Curitiba, por isso, o narrador contextualiza e especifica o espaço ao situá-lo à margem de um rio, conferindo à narrativa um caráter mais realista. Desta forma, o leitor situa a história no tempo (da memória) e no espaço. Gradativamente, o leitor é induzido a enxergar o cemitério de elefantes como uma extensão do espaço da narrativa, situado se não ao lado da árvore, em suas imediações, lugar para onde os bêbados vão à procura uma morte silenciosa e solitária. Um espaço também sagrado como o próprio *ingazeiro* (NICOLATO, 2002, p. 81).

O *ingazeiro* e o rio que constituem o cenário carregam grande simbologia na obra, a árvore está na raiz da criação divina e permite segundo Nicolato (2002, p. 83) relacionar a narrativa de “Cemitório de elefantes” com o mito do paraíso. A árvore irá oferecer aos bêbados um fruto doce, mas ao contrário da maçã que representa o pecado, este simbolizará o “paraíso em vida e morte” para seres marginalizados. A água por sua vez, será fonte de subsistência para os personagens, onde os bêbados imergem para apanhar caranguejos e garantir seu sustento:

Quando ronca a barriga, ao ponto de perturbar-lhes a sesta, saem do abrigo e, arrastando os pés, atiram-se à luta pela vida. Enterram-se no mangue até os joelhos na caça ao caranguejo ou, de tromba vermelha no ar, espiam a queda dos *ingás* maduros. (TREVISAN, 1970, p. 87)

A sacralização dos personagens citada anteriormente neste estudo, não se relaciona apenas à resignação e ao sofrimento, mas também ao processo de degradação física e moral,

processo este, em que a própria vida se torna muito próxima do fim e, por isso a narrativa já se instaura num cemitério, no reinado da morte e vida eterna. Esta passagem da vida para morte entre os personagens se dá como a dos elefantes, longe dos seus, eles vão procurar a morte solitária e sem rituais: “ [...] sentiu que ia se apagar e caiu fora. Eu gritei: Vai na frente, Pedro, e deixa a porta aberta” (TREVISAN, 1970, p. 88).

Todas estas representações nos ajudam a pensar no cronotopo da obra que será analisado. O cronotopo refere-se ao núcleo dos acontecimentos espaciais e temporais, ou seja, é o pareamento entre esses dois elementos. Todos os gêneros textuais tem seu cronotopo e este é marcado por diferentes esferas, que dão ao discurso recortes temáticos e ideológicos, determinando questões de autoria e destinatário (BEZERRIL; PEREIRA, 2011, p. 35).

O tempo está presente em toda a narrativa, preenchendo o espaço e em constante formação:

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminar pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 225)

Para o teórico russo, o cronotopo é uma categoria conteudístico- formal da literatura, ou seja, pode englobar tanto o conteúdo quanto estrutura: “ o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história (BAKHTIN, 1998[1975], p. 211).

Percebemos nesta citação que o autor coloca texto e contexto no mesmo patamar, espaço, tempo, enredo e história estão todos interligados; este cruzamento Bakhtin chamou de “cronotopo artístico” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 211).

Bakhtin procurou entender nas obras de Rabelais e Goethe a ligação entre indícios culturais e históricos que se estabelecem no cronotopo. Ele pensa a cultura como um sistema em formação, afim de compreender como uma comunidade é formada por relações espaço-temporais (BEZERRIL, PEREIRA, 2011, p. 36).

Em “*Cemitério de Elefantes*”, de Dalton Trevisan observamos indícios culturais e históricos quando o narrador daltoniano representa uma Curitiba defasada, onde as relações espaciais e temporais atuam em todo discurso e concretizam a representação da história. O cronotopo constrói, assim, a imagem do indivíduo dentro do conto, determinando as relações dos personagens e tornando concreto o espaço descrito. Nesse sentido, o tempo age no indivíduo que transforma o espaço, gerando um movimento dialógico:

Há UM CEMITÉRIO de bêbados na minha cidade. Nos fundos do mercado de peixes e à margem do rio ergue-se o velho ingazeiro - ali os bêbados são felizes. A população considera-os animais sagrados e provê às suas necessidades de cachaça e peixe com pirão de farinha. No trivial contentam-se com as sobras do mercado. (TREVISAN, 1970, p. 87).

Neste primeiro parágrafo do conto observamos como o narrador engendra, a partir do cronotopo, a atmosfera que irá permear toda a história; os personagens habitantes deste espaço são caracterizados pela relação espaço/temporal que constitui suas personalidades.

Bakhtin dá novo sentido ao conceito matemático e à teoria de Einstein para marcar como se desenvolveu no discurso a ligação entre tempo e espaço. Tudo o que o homem faz e cria está situado num tempo e espaço determinado, assim o estudo Bakhtiniano contribui para a compreensão de um mundo ajustado ao homem (BEZERRIL; PEREIRA, 2011, p. 37).

Bezerril e Pereira (2011, p.39) afirmam que no encontro do tempo com o espaço, o tempo funciona como protagonista, pois ele dá vida, desenvolve e destrói tudo que é passado para dar vida ao novo (futuro) num ciclo natural.

Para Bakhtin (1998) o cronotopo em Rabelais está ligado às experiências vividas pelo autor; o homem se abre para o mundo e se entende a partir da vida de sua época, ou seja, o tempo e o espaço marcam o indivíduo, caracterizando-o. Do mesmo modo, em “Cemitério de elefantes”, o cronotopo é familiar ao autor, uma vez que ele representa sua cidade natal, num ato saudoso, porém agressivo. Surge, assim, uma Curitiba de alma, uma Curitiba que viaja pela alma do autor, dos personagens e leitores. A cidade abriga em sua essência vestígios sócio-históricos de sua experiência colonial, presa entre uma mentalidade rural e uma modernidade urbana, trazendo os personagens em constante conflito do entrelugar de passado e futuro. O escritor procura mostrar a diferença entre o espaço vivido (pelos habitantes) e o espaço mental planejado pelos urbanistas, o submundo privilegiado pelo autor revela para o leitor o cronotopo precário mas humano do estilo de vida dessas zonas da cidade.

Bakhtin afirma que todas as unidades espaços- temporais de uma obra são inseparáveis e ligadas a uma matriz que compõe o cronotopo; a obra, por sua vez, abrange- o de maneira integral, e isto torna a ligação tempo- espaço estável, uma vez que o cronotopo liga-se à estabilidade da obra. Segundo o teórico, o cronotopo é o responsável pela demonstração dos acontecimentos, o que se dá pela condensação e concretização espacial e temporal. Esta interligação realiza indicações precisas quanto ao tempo e espaço de uma obra. (BEZERRIL, PEREIRA, 2011, p. 40)

É a partir das relações espaciais e temporais que se criam as imagens no texto, e assim, o leitor se coloca a par dos fatos. Esta demonstração que o cronotopo faz do enredo,

dos personagens, das entrelinhas e declarações; e as deduções que o leitor tem ao ter contato com o discurso só é possível porque o cronotopo unifica e torna real o tempo dentro do espaço e o espaço interagindo no tempo: “No silêncio o bzzz dos pernilongos assinala o pôsto de um por um. Sentados entre as raízes, assombram-se com o mistério da noite - o farol piscando no alto do morro” (TREVISAN, 1970, p. 88).

Como se vê no trecho acima, o narrador daltoniano descreve o movimento dos pernilongos, demarcando o tempo desta passagem. Observamos que o tempo (que na citação está representado no “bzzzz” dos pernilongos) interage com o espaço (raízes do velho ingàzeiro) determinando a hora de recolher dos bêbados ao revelar para o leitor características do lugar, da ambientação e dos personagens.

Para Bakhtin, nada impede que existam vários cronotopos numa obra, uma vez que o cronotopo global pode estabelecer relações com cronotopos passados ou futuros. Isso ocorre porque a natureza do cronotopo é dialógica, o tempo-espaço da obra se comunica com outras manifestações espaço-temporais, com o mundo cronotópico do autor, do leitor e do ouvinte. Estes carregam consigo seus próprios cronotopos, que vezes ou outra atravessam o cronotopo da obra, constituído por contextos históricos, sociais e etc. Portanto, onde a obra estiver cronologicamente narrando ela se encontrará com o cronotopo do texto (BEZERRIL; PEREIRA, 2011, p. 40).

Percebemos este encontro quando temos contato com o cronotopo de Curitiba representada pelos aspectos sociais e históricos que marcam a época da publicação (a Curitiba, "grande favela" que dá enfoque à penúria econômica, a injustiça social, e, nesta linha de comportamentos violentos manifestados por seus personagens de classe baixa, e também de seres marginais que vivem num espaço que não reflete os avanços da cidade), o leitor/ ouvinte mesclará seu mundo particular e atual ao mundo que é projetado no conto: “Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 357).

Toda obra literária é constituída de um mundo representado, em que dois mundos se conjugam: o ficcional e o real. Este encontro se dá nas esferas da criação e da representação, e a obra se renova a cada nova percepção espaço-temporal de ouvintes e leitores. Desta forma, a construção de sentido numa obra não se dá apenas pelo enfoque semântico mas também pelas esferas temporais e espaciais:



Para entrar na nossa experiência (experiência social inclusive), esses significados, quaisquer que eles sejam, devem receber uma expressão espaço-temporal qualquer, ou seja, uma forma sígnica audível e visível por nós [...]. Sem esta expressão espaço-temporal é impossível até mesmo a reflexão mais abstrata. Consequentemente, qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos. (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 332).

Dalton Trevisan escolheu Curitiba como espaço de suas ficções já na década de 40, quando publicou seus primeiros contos na revista *Joaquim*. Desde esta época raras vezes seus contos retrataram outros cenários que não os da cidade. Assim, deu-se uma relação metonímica entre o autor e Curitiba.

O estreitamento desta relação se deu em primeiro lugar por ordem biográfica, pessoa de hábitos reclusos, Trevisan criou em torno de si uma atmosfera de suspense, além de autor passou a ser personagem de si mesmo. Desta forma, tornou-se difícil separar o que corresponde às histórias vividas pelo autor de outras histórias de origem obscuras e nitidamente ficcionais.

O contexto histórico é outro fator que contribuiu para a relação de parte pelo todo entre Dalton e a cidade. Nas décadas de 60 e 70, arrojados projetos urbanísticos projetaram uma cidade de cartão postal, uma Curitiba cada vez mais próxima de uma concepção pós-moderna; a Curitiba grande favela de Dalton Trevisan procura denunciar o sistema vigente. Conforme afirma Comitti: “Curitiba é sua matéria. A cidade cresce e se modifica, e sua obra acompanha cotidianamente, no mesmo processo de destruição e construção típico da cidade moderna” (COMITTI, 1996, p. 85).

A reescrita de Trevisan se assemelha às ruínas desta cidade moderna sempre em constante transformação. Neste âmbito, nenhuma delas (escrita e cidade) realizam-se completamente, pois suas existências se dão a partir da permanência e da transformação.

Para retratar a cidade Dalton Trevisan não fotografa o presente de longe, nem busca imagens antigas, o autor observa vários retratos, destaca fragmentos marcantes e os coloca no presente. Desta maneira, constrói um cenário todo marginal, a beira do tempo e do espaço.

Os cronotopos presentes na obra são temáticos e figurativos respectivamente; temático porque todos os temas abordados no conto (miséria humana dos personagens, exclusão e resignação humana) perpassam pelas esferas do tempo e espaço; e figurativo porque é a partir da representação feita pelo cronotopo que conhecemos os espaços, as imagens e o tempo do texto. O cronotopo torna, assim, a ficção mais palpável ao leitor:

A viração da tarde assanha as varejeiras grudadas nos seus pés disformes e as folhas do ingazeiro reluzem como lambaris prateados \_ ao som da queda dos frutos os bêbados mais próximos levantam-se com dificuldade e os disputam entre si rolando no pó. O vencedor descasca o ingã e chupa de olhar guloso a fava adocicada. (TREVISAN, 1970, p. 88)

A partir da representação do espaço (*ingazeiro*) e do tempo (viração da tarde) o leitor insere-se na narrativa, criando imagens que tornam a leitura da obra cada vez mais real e próxima de si próprio, é como se este presenciasse cada cena de perto. Portanto, a apreensão do cronotopo contribui para o entendimento pleno da história, justificando o estudo apresentado.

#### 4 ESCRITA, SUJEITO E CRONOTOPO: O LIXO EM “CEMITÉRIO DE ELEFANTES”, DE DALTON TREVISAN

O poeta Charles Baudelaire (1821-1867), no ensaio “O Pintor da Vida moderna” de 1863, identifica a modernidade como efêmera e imutável, ou seja, instância ao mesmo tempo pouco duradoura e eterna. Posterior a este estudo, o crítico Walter Benjamin analisou o modo como o poeta lidou com as transformações advindas do “auge do capitalismo”, percebendo que todas as transições nas formas de organizações da sociedade acaba proporcionando relações diferentes entre arte e vida, e ambas vão se reconfigurando. (CARMO; FERNANDES, 2011, p. 178)

Tais temas podem ser reconhecidos no poema seguinte:

Nos obscuros desvãos das velhas capitais,  
Em que tudo, até o horror, tem ares encantados,  
Eu observo, obediente a meus sestros fatais,  
Seres de exceção, decrépitos e amados.

[...] quando eu entrevejo algum fantasma débil,  
A atravessar Paris fervilhando de povo,  
Sempre tenho a impressão de que este ser tão flébil  
Caminha docemente e para um berço novo;

[...] Ruínas! Minha família! Ó velhas solitárias!  
Eu vos dou cada tarde o mais solene adeus!  
Onde amanhã sereis, Evas octogenárias,  
Sobre quem pesa a garra espantosa de Deus?  
(BAUDELAIRE, s/d p.53)

O poema intitula-se “As velhinhas” e reassalta as situações degradantes que envolvem os indivíduos marginalizados na sociedade moderna. O *flâneur*<sup>5</sup> acompanha o ritmo da metrópole e observa os seres de exceção caminharem perdidos na multidão.

Entendendo a arte como participante de todos os discursos que permeiam a realidade humana, a literatura mantém constante diálogo com as revoluções históricas, assim ela se relaciona com o contexto da industrialização, renovando sua forma para se expressar na contemporaneidade.

---

<sup>5</sup> (francês flâner)  
verbo intransitivo

Passar sem destino e sem pressa, por mera distração (ex.: flanaram pelas ruas da cidade velha). = FLAINAR. (Dicionário on line Priberam. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/Flanar>)

O geógrafo Milton Santos acentua que ao atingir todos os países, a pobreza ganhou extrema atualidade no mundo globalizado. O avanço do capitalismo conferiu a sociedade contemporânea um traço evidente de incerteza, marcando a precariedade não só em classes sociais mais baixas como também no estado de bem estar de modo geral (SANTOS, 2009, apud CURY, 2013, p. 33).

As cidades modernas passam por constantes mudanças e ao longo do tempo se ajustam de acordo com as consequências do desenvolvimento capitalista. A vida urbana é globalizada e os resultados destas mudanças podem ser observados em vários lugares do mundo, já que o capitalismo intensificou-se ao longo do século XX. Deste modo, analisar a cidade contemporânea é mais do que observar ambientes, pois implica perceber os modos de vida social e psicológico.

Segundo Karl Erik Scholhammer (2009), nos últimos anos surgiu um fenômeno que coloca a realidade atual brasileira como foco principal, trata-se de uma literatura engajada, que procura refletir acerca dos aspectos mais inumanos e marginais da sociedade. A emergência de um envolvimento na realidade imediata se estende para o aspecto estético da obra, sustentado por uma produção participativa e experimentações com a linguagem. (SCHOLHAMMER, 2009, p. 98-99)

Movimento semelhante encontramos no conto “Cemitério de elefantes”, o qual aborda a vida desumana e marginalizada de seus personagens, como se pode ver em: “Há um cemitério de bêbados na minha cidade[...] Distraí-se um deles a afundar o dedo no tornozelo inchado, ergue-se e, puxando os pés de paquiderme, afasta-se entre adeuses em voz baixa \_ que ninguém perturbe os dorminhocos”. (TREVISAN, 1970, p. 87-88). Tais aspectos parecem ecoar o poema de Baudelaire no início deste capítulo.

O sociólogo Zygmunt Bauman coloca a pobreza como item importante da pauta de discussões contemporâneas, para ele, o refugio humano refere-se aos esquecidos, marginalizados, indesejados, excluídos do progresso econômico:

Para resumir uma longa história: a nova plenitude do planeta significa, essencialmente, uma crise aguda da indústria de remoção do refugio humano. Enquanto a produção de refugio humano prossegue inquebrável e atinge novos ápices, o planeta passa rapidamente a precisar de locais de despejo e de ferramentas para a reciclagem do lixo. (BAUMAN, 2006 apud CURY, 2013, p.35)

Neste sentido, a pobreza sendo algo tão presente nas reflexões contemporâneas não escapa de ser tematizada nas produções artísticas. O processo artístico também é atingido

pela instabilidade das transformações sociais e econômicas, as produções se realizam e se servem de restos, colocando a reflexão sobre questões éticas de conservação e resistência da memória dos excluídos. (Ibdi, p.36)

Na reescrita de Dalton Trevisan notamos o refugio da própria obra de arte, que se exclui para que uma nova obra se realize, gerando um círculo de refugos literários e excluídos. Essa estética dos restos e reciclagem se espalha pelo mundo contemporâneo e questiona a singularidade da obra ao mesmo tempo que coloca em evidência os marginalizados:

[...] os contatos entre os dejetos e a arte foram multiplicados, o que deu lugar ao desenvolvimento de diversas estéticas dos dejetos. Ou melhor, em uma formulação mais abrangente, o dejetos pôde penetrar naquilo que há muito é considerado como círculo interior da cultura: o campo estético. (MOSER, 1999, p. 89 apud CURY, 2013, p. 36)

Objetos provisórios são incluídos nos procedimentos de transformação e reciclagem contemporâneas, e, assim, promovem a desestetização dos aspectos tradicionais de construção e recepção artísticas. Assim, a obra representa a mobilidade do espaço urbano moderno e a crise da representação da pós modernidade.

Para Bauman (2005), a sociedade não é veículo para atos heroicos, pois a cultura faz da sociedade um sistema e é um mecanismo que permite a realização do feito heroico, de modo cotidiano e trivial, por seres comuns não idealizados. Portanto, temos a abolição ou ao menos a suspensão da necessidade de ser heroico. (BAUMAN, 2005, p.122)

Este procedimento apontado por Bauman pode ser observado no microconto I da obra “111 Ais”, publicado em 2000 por Dalton Trevisan: “ O senhor conhece um tipo azarado? Esse sou eu. Em janeiro bati o carro, não tinha seguro. Depois roubam o toca-fitas, nem era meu. Vendi os bancos para um colega e recebo só a metade”. (TREVISAN, 2000, p.47)

Ainda que não faça parte do *corpus* desta pesquisa este texto é interessante por propiciar mais um exemplo da crise do sujeito presente na obra daltoniana.

A literatura de crise tem este perfil, já que seus personagens nunca são idealizados e seus feitos são corriqueiros, como notamos em “Cemitérios de elefantes”, os protagonistas são bêbados abandonados à própria sorte, vivendo as misérias da vida humana, suas experiências são narradas sem mais detalhes pois este tipo de literatura não precisa de explicações ou representações detalhadas. “Jamais correu sangue no cemitério \_ a faquinha na cinta é para descamar peixe. E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância.” (TREVISAN, 1970, p.88).

A crise na caracterização dos personagens se estende para a linguagem, com textos concisos e experimentações com a linguagem como elipses e reescritas.

O texto daltoniano tem como característica a reescrita, desprezando elementos acessórios, como artigos, preposições e conectivos para concentrar-se em elementos essenciais como personagens, ação, cenário etc. Este procedimento funciona como estratégia de encolhimento, que faz de cada texto uma parte pelo todo e a história ali contada significa algo maior[...] (FRANCO JUNIOR, 2004, p. 203).

Percebemos nas narrativas daltonianas contos muito curtos e um narrador que não se preocupa em colocar o leitor a par dos acontecimentos e dos personagens, misturando o tempo da memória com o tempo atual, desse modo, e o espaço “cemitério” não é especificado, cabe ao leitor interpretar e fazer suas próprias representações, procedimento que torna a história genérica e provável a qualquer cronotopo:

A cuspir na água o caroço prêto do ingá, os outros não o interrogam: as prêsas de marfim que indicam o caminho são garrafas vazias. Chico perde-se no cemitério sagrado, entre as carcaças de pés grotescos surgindo ao luar.(TREVISAN, 1970, p. 89)

O espaço globalizado no conto é representado por Curitiba e remete a crise do mundo como um todo:

Há um cemitério de bêbados na minha cidade. Nos fundos do mercado de peixe e à margem do rio ergue-se o velho ingazeiro [...] Da margem eles contemplam os pescadores mergulhando os remos. \_ tem um peixinho aí, compadre? (TREVISAN, 1970, p.87- 89).

“Cemitério de elefantes” tematiza o lixo humano com uma enunciação precária, que dura enquanto ecoa as vozes dos marginais, caracterizando-se por uma linguagem de restos. O próprio título do conto através da ambiguidade, desdobra-se, desloca-se e condensa os significados nele presente, cabendo ao leitor guiar-se pela narrativa.

A partir do desenvolvimento acelerado nas décadas de 1960 projetou-se uma cidade arrojada e moderna; a forma acelerada como isso se deu acarretou o surgimento de seres desajustados, que, ao serem cooptados pelo capitalismo tornaram-se marginais neste espaço. O narrador daltoniano torna-se um instrumento investigador e problematizador da nova situação mundial, já que percorre lugares, revelando os sintomas da globalização. Segundo Sérgio Paulo Rouanet (1987), no início do capitalismo ainda era possível observar o seu movimento sem se deixar absorver por ele, porém, o observador perdeu espaço como

espectador e foi tragado pelo sistema. (ROUANET, 1987 apud CARMO; FERNANDES, 2011, p. 178)

Trevisan narra no conto estudado um cronotopo particular a ele, a vida acelerada da cidade grande que ele representa na narrativa é a mesma que ele próprio presencia: “Há um cemitério de bêbados na minha cidade [...] A população considera-os animais sagrados e provê às suas necessidade de cachaça e peixe com pirão de farinha”.

Neste sentido Dalton Trevisan, inspirado pela linguagem jornalística, constrói textos curtos, retalhos da vida urbana, como se estivesse sobrevoando a cidade globalizada ao apresentar para o leitor particularidades deste lugar, com aspectos desumanos. Ele sacia sua vontade de apreender as imagens da vida moderna inscrevendo em seus contos referências ao passado histórico formador e consequente da vida urbana atual. As narrativas daltonianas percorrem não apenas os espaços tomados pela globalização, mas também o tempo, elas ampliam a visão da cidade ao trazer uma Curitiba pós projeto urbanístico moderno.

Bauman (1999) descreve a contemporaneidade a partir do processo de globalização formado por uma nova divisão de trabalho, os mais ricos passam a não se fixar em nenhum lugar, podendo mudar de um espaço para o outro de acordo com as vantagens que este oferece, enquanto que os mais pobres, desprovidos de mobilidade ficam abandonados. A cidade atual é caracterizada pelas constantes transformações de tempo e espaço originários das novas tecnologias. A consequência disto é a manutenção da desigualdade e a dificuldade em representar um mundo onde espaços e tempos podem coexistir, mesmo que de maneira ilusória. (BAUMAN, 1999 apud CARMO; FERNANDES, 2011, p. 178)

Trevisan cria curtas narrativas, as quais misturam histórias de tempos e espaços distintos, constituintes da vida urbana mundial, ou seja, os aspectos da vida cidadina poderiam se relacionar com qualquer grande cidade. Portanto, sua representação aproxima-se de uma representação do mundo contemporâneo através da representação de Curitiba: “Há um cemitério de bêbados na minha cidade. Nos fundos do mercados de peixes e à margem do rio ergue-se o velho ingazeiro \_ ali os bêbados são felizes”. (TREVISAN, 1970, p 87)

Temos no trecho acima a descrição de uma cidade que é particular ao autor, um espaço marginalizado, que simboliza todos os becos das grandes cidades. A descrição do espaço é curta e sem muitos detalhes. Desta forma, a cidade é representada genericamente, abrindo perspectivas para outros pontos. Seus textos são construídos sem a utilização de uma representação totalizante, o autor simplesmente aponta sinais caóticos, sugerindo degradação e todos os aspectos de estranheza da vida moderna.

A dimensão e o ritmo da cidade contemporânea requer um narrador ágil, para que a escrita acompanhe a velocidade do capitalismo e assim consiga representações que contribuam para o imaginário urbano atual, possibilitando reflexões sobre a necessidade humana de um outro espaço (CARMO; FERNANDES, 2011, p. 182).

Assim, acreditamos ter demonstrado a literatura de crise, na medida em que procuramos captar as caracterizações empreendidas pelo narrador daltoniano. Tal como a estrofe de Baudelaire utilizada no início do capítulo “[...] Eu observo, obediente a meus sestros fatais, /Seres de exceção, decrepitos e amados” (BAUDELAIRE, s/d p.53) o conto “Cemitério de elefantes” engendra movimento semelhante ao apreender os bêbados, seres marginais da cidade de Curitiba: “Chico perde-se no cemitério sagrado, entre as carcaças de pés grotescos surgindo ao luar” (TREVISAN, 1970, p. 89).



## 5 CONCLUSÃO

A obra de Dalton Trevisan segue absoluta no caminho de pesquisa, o que torna possível mais leituras que com esta possam dialogar, abrindo o horizonte de análise em torno da compreensão dos textos deste autor.

Neste estudo procuramos abordar a construção do cronotopo no conto “Cemitério de elefantes” do livro homônimo do autor e como a representação de tempo/espaço contribui para a caracterização dos personagens.

A narrativa sintética de Dalton Trevisan, caracterizada pelo uso de elipses e reescritas que tornam a história ainda mais concisa, aborda a vida cotidiana de seres marginalizados, que a partir da globalização perderam espaço na sociedade tornando-se dejetos humanos. “A população considera-os animais sagrados e provê às suas necessidades de cachaça e peixe com pirão de farinha. No trivial contentam-se com as sobras do mercado” (TREVISAN, 1970, p. 87).

Na narrativa daltoniana, seres de exclusão refletem o efeito do crescimento acelerado das grandes metrópoles, no conto este espaço é representado por Curitiba, cidade natal do autor, o que confere a história tom saudoso, porém crítico. Curitiba é projetada genericamente no conto o narrador não dá maiores detalhes da cidade. Desta forma, Curitiba pode ser qualquer grande cidade, que passa pelos mesmos problemas da cidade de Dalton Trevisan. Conforme sinaliza Bakhtin:

A obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores. Esse processo de troca é sem dúvida cronotópico por si só: ele se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação. (BAKHTIN, 1998, p. 211)

O cronotopo em “Cemitério de elefantes” presentifica a narrativa, aproximando o leitor da história e tornando a ficção mais próxima da realidade, ao captar o tempo e o espaço interligados no conto o leitor cria representações que o faz adentrar na história e refletir criticamente sobre as denúncias que Dalton Trevisan pretende fazer.

A obra do autor procura refletir sobre o sentido da vida moderna, a narrativa tenta revelar a condição humana nos becos dos grandes centros, possibilitando ao homem o questionamento sobre o próprio destino. Dalton Trevisan nos leva para um mundo sombrio,

onde as dores, misérias e conflitos dos personagens são inerentes as nossas próprias dores: “Sabem que estão condenados como elefantes mal feridos e coçam as perebas sem nenhuma queixa, [...] O caminho revela-se a cada um na hora da morte” (TREVISAN, 1970, p. 88).

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R. G. **Pão, sangue e jornal: apropriação e violência na obra de Dalton Trevisan**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009, 34 p. Disponível em: <  
[http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2\\_sem\\_2009/rodrigo\\_gomes\\_araujo.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2_sem_2009/rodrigo_gomes_araujo.pdf)> .  
 Acesso em: 01 mar. 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Formas de tempo e de cronotopo no romance. Ensaio de poética histórica**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 211 – 357.
- BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Planeta, s/d, p.53. Disponível em:  
<http://www.4shared.com/dir/589024/56cfa224/sharing.html>. Acesso em: 01 nov. 2014.
- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas: A cultura do lixo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005, p. 122-123.
- BEZERRIL, G, S. ; PEREIRA, R, A. O conceito de cronotopo em Bakhtin e o círculo: Matizes Rabelaisianas. **Intertexto**, Uberaba, v.4, n.2, jul/dez. 2011, p.35-49. Disponível em:  
<http://revistaintertexto.letras.uftm.edu.br/>. Acesso em: 20 set. 2014.
- BORDONI, R, C. As trevas em Trevisan: por uma releitura do mito vampírico. In:\_\_\_\_\_. **Trevisan e "os novos": proposta estética do mundo moderno**. São Paulo: PUC-SP, 2011, p. 44-50. Disponível em:<  
[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=12828](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12828)>. Acesso em: 28 fev. 2014.
- BORGES FILHO, Ozíris. Bakhtin e o cronotopo: uma análise crítica. **Intertexto**. Uberaba, v. 4, n.2, jul/dez. 2011, p. 50-67. Disponível em: <http://revistaintertexto.letras.uftm.edu.br/>. Acesso em: 22 set. 2014.
- CARMO, C. do. FERNANDES, G. C. A flânerie na cidade globalizada, em Passaporte, de Fernando Bonassi. **Via Litterae**. Santa Cruz, v.3, n.1, jan/jun. 2011, p. 177-183. Disponível em: [www.unucseh.ueg.br/vialitterae](http://www.unucseh.ueg.br/vialitterae). Acesso em: 20 out. 2014.
- COMITTI, L. Anjo mutante: O espaço urbano na obra de Dalton Trevisan. **Revista USP**, São Paulo, n.1, 1996, p. 81-87. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/683>. Acesso em: 20 set. 2014.
- CURY, M. Z. F. Poéticas da precariedade. **Est. lit.bras.contemp**. Brasília, n.41, jan/jun. 2013, p.33-46. Disponível em:  
<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9133/6876>. Acesso em: 01 nov. 2014.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Elefante**. Disponível em:

<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/elefante/> Acesso em: 04 out. 2014.

FRANCO JUNIOR, A. Artesanato industrial: criação artística e repetição na obra de Dalton Trevisan. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v.26, n.2, 2004 p. 201-208. Disponível

em:<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/1369/900>>.

Acesso em: 06 mar. 2014.

MAGALHÃES JUNIOR, R. **A arte do conto**. Rio de Janeiro: Bloch, 1972, p. 21.

MOTTA, S.V. ; BUSATO, S. Fragmentos do contemporâneo: Leituras. In: FRANCO

JUNIOR, A. **Dalton Trevisan e Valêncio Xavier: repetição e montagem como**

**problematização da autoria**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 82-93. Disponível em:

<<http://books.scielo.org/id/76v95/pdf/motta-9788579830051-04.pdf>> . Acesso em: 05 mar.

2014.

NICOLATO, R. **Literatura e Cidade: O universo urbano em Dalton Trevisan**. Curitiba:

Universidade Federal do Paraná, 2002, p. 79-94. Disponível em:

<[http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/24500/D%20-](http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/24500/D%20-%20NICOLATO%2c%20ROBERTO.pdf?sequence=1)

[%20NICOLATO%2c%20ROBERTO.pdf?sequence=1](http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/24500/D%20-%20NICOLATO%2c%20ROBERTO.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 02 mar. 2014.

PRIBERAM, Dicionário. Versão on line. Disponível em:

<http://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx>. Acesso em: 25 fev. 2014

TREVISAN, Dalton. Cemitério de elefantes. In: \_\_\_\_\_. **Cemitério de elefantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. 87-89.

SCHOLLHAMMER, K.E. **Ficção brasileira contemporânea: Literatura marginal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 98-103.

VIEIRA, Nelson H. Espaço vivido e espaço mental: Dalton Trevisan e a dicotomia social do urbanismo curitibano. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**.

Brasília, n.42, Dec. 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S23160182013000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S23160182013000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 mar. 2014.

**Anexo**

## cemitério de elefantes

HÁ UM CEMITÉRIO de bêbedos na minha cidade. Nos fundos do mercado de peixe e à margem do rio ergue-se o velho ingazeiro — ali os bêbedos são felizes. A população considera-os animais sagrados e provê às suas necessidades de cachaça e peixe com pirão de farinha. No trivial contentam-se com as sobras do mercado.

Quando ronca a barriga, ao ponto de perturbar-lhes a sesta, saem do abrigo e, arrastando os pesados pés, atiram-se à luta pela vida. Enterram-se no mangue até os joelhos na caça ao caranguejo ou, de tromba vermelha no ar, espiam a queda dos ingás maduros.

87

Sabem que estão condenados como elefantes mal feridos e coçam as perebas, sem nenhuma queixa, escarrapachados sobre as raízes que lhes servem de cama e cadeira, a beber e beliscar algum pedacinho de peixe. Cada um tem o seu lugar e gentilmente advertem-se:

— Não use a raiz do Pedro.

— Foi embora, sabia não?

— Estava aqui há pouco...

— Pois é, senti que ia se apagar e caiu fora. Eu gritei:

Vai na frente, Pedro, e deixa a porta aberta.

À flor do lôdo borbulha o mangue — os passos de um gigante perdido? João dispõe no braseiro o peixe embrulhado em fôlha de bananeira.

— O Cai Náguas trouxe as minhocas?

— Sabia não?

— Agora mesmo êle...

— Entregou a lata e disse: Jonas, vai dar pescadinha vermelha.

Aporta de outras margens um elefante moribundo.

— Amigo, venha com a gente.

Dão-lhe uma raiz no ingazeiro, caneca de pinga, um rabo de peixe.

No silêncio o bzzz dos pernilongos assinala o pôsto de um por um. Sentados entre as raízes, assombrom-se com o mistério da noite — o farol piscando no alto do morro.

Distrai-se um dêles a afundar o dedo no tornozelo inchado, ergue-se e, puxando os pés de paquiderme, afasta-se entre adeuses em voz baixa — que ninguém perturbe os dorminhocos. Esses, quando acordam, não carecem de perguntar para onde foi o ausente. E, se indagassem, com intenção de levar-lhe um ramo de margaridas, quem saberia responder? O caminho revela-se a cada um na hora da morte.

A viração da tarde assanha as varejeiras grudadas nos seus pés disformes e as fôlhas do ingazeiro reluzem como lambaris prateados — ao som da queda dos frutos os bêbedos mais próximos levantam-se com dificuldade e os disputam entre si rolando no pó. O vencedor descasca o ingá e chupa de olhar guloso a fava adocicada. Jamais correu sangue no cemitério — a faquinha na cinta é para descamar peixe. E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância.

88

E êles que suportam o delírio, a peste, o travo de fel na língua, o mormaço, as câibras de sangue, cultivam o ódio obtuso dos elefantes por uns animaizinhos inofensivos: os pardais, que se aninham entre as fôlhas e, antes de dormir, lhes cospem na cabeça — o seu pipiar irrequieto lhes envenena a modôrra.

Da margem êles contemplam os pescadores mergulhando os remos.

— Tem um peixinho aí, compadre?

O pescador atira-lhes o peixe desprezado no fundo da canoa.

— Por que você bebe, Papa-Isca?

— Maldição de mãe, uai.

— O Chico não quer peixe?

— Coitado, morreu de barriga d'água.

Com a pressa que lhe permitem os pés tumefatos, despediu-se dos companheiros cochilando à margem, esquecidos de enfiar a minhoca no anzol.

A cuspir na água o caroço prêto do ingá, os outros não o interrogam: as prêsas de marfim que indicam o caminho são garrafas vazias. Chico perde-se no cemitério sagrado, entre as carcaças de pés grotescos surgindo ao luar.